

CUSTÓDIO, Gabriela Alexandre; NOGUEIRA; Ruth Emilia. Educação geográfica e ambiental numa perspectiva inclusiva: da sala de aula ao trabalho de campo. In: ENCONTRO DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA DA REGIÃO SUL, 2., 2014, Florianópolis. *Anais eletrônicos...* Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <<http://anaisenpegsul.paginas.ufsc.br>>.

EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E AMBIENTAL NUMA PERSPECTIVA INCLUSIVA: DA SALA DE AULA AO TRABALHO DE CAMPO

Gabriela Alexandre Custódio

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

gabialexandre27@gmail.com

Ruth Emilia Nogueira

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

ruthenogueira@gmail.com

RESUMO

Este artigo traz os resultados e algumas considerações sobre um projeto de pesquisa desenvolvido na perspectiva de implementação de uma Educação Geográfica Inclusiva, por intermédio da Educação Ambiental. O projeto foi aplicado em uma turma onde estudavam dois alunos com deficiência visual, do primeiro ano do Ensino Médio, em uma escola estadual de ensino regular do município de Florianópolis, em Santa Catarina. Para tanto, foi elaborada uma proposta que pretendeu abordar as questões ambientais de Florianópolis sob a ótica da globalização, assunto que estava sendo trabalhado com a turma na disciplina de Geografia. A metodologia de trabalho se sustentou na realização de aulas expositiva e dialogadas, com a utilização de materiais didáticos como mapas, mapas táteis e maquetes, contendo informações sobre a temática proposta e na realização de um trabalho de campo. A partir dessa proposta, almejava-se que todos os alunos, com deficiência visual ou não, tivessem a oportunidade de construir um saber geográfico com referências no conhecimento cotidiano, a partir da análise dos ambientes e dos locais de vivência de cada um. Para discutir sobre a situação ambiental da cidade de Florianópolis frente à globalização, a proposta foi dividida em dois momentos: um em sala de aula, com a realização de quatro encontros, e o outro em uma trilha ecológica acessível, que ocorreu após as atividades desenvolvidas em sala. A trilha ecológica está localizada dentro do parque tecnológico Sapiens Parque, possui extensão de 1.200 metros e está implantada ao longo do rio do Brás, distante aproximadamente 35km da escola. Entre os principais resultados alcançados, foi possível observar que as práticas desenvolvidas na proposta de Educação Ambiental possibilitaram aos alunos da classe, em especial aos alunos com deficiência visual, vivenciarem novas possibilidades de aprendizado no meio em que vivem, tornando-os

conscientes e capazes de se reconhecerem como agentes ativos no processo de formação e construção do próprio conhecimento.

Palavras-chave: Educação Geográfica; Educação Ambiental, Inclusão.

INTRODUÇÃO

Diante das propostas de inserção de alunos com deficiência visual no contexto da escola regular é preciso ter claro que a Educação Inclusiva não se restringe apenas a esse objetivo. A Educação Inclusiva, como uma proposta pensada para todos foi concebida para atender a necessidade de todos os alunos e ser uma educação de qualidade, concebida a partir das singularidades de um alunado que possui o direito de desenvolver habilidades, de trocar experiências, que ocorrem no contato e convívio com o coletivo.

Em uma educação pensada para todos, o processo de inclusão deve ser orientado de forma a garantir as condições adequadas a todos os alunos, inclusive àqueles que possuem algum tipo de deficiência, para que tenham as necessidades atendidas e possam frequentar toda e qualquer escola de ensino regular. Dessa forma, a proposta de Educação Inclusiva deve priorizar, não somente a presença dos alunos na escola, mas a oferta de condições para o convívio e para o desenvolvimento pleno do alunado, independente das necessidades específicas apresentadas por cada um em particular, pois todos necessitam de atenção e fazem parte da diversidade que compõe o ambiente escolar.

Dentro da proposta de promover a interação entre os educandos e desses com os professores, a Educação Ambiental surge como uma importante ferramenta para o convívio coletivo, sustentada pela diversidade, capaz de originar ações e gestos promotores da inclusão por meio de transformações nas relações socioambientais.

Nessa perspectiva, Silva e Meneguette (2001) lembram que a escola possui um papel fundamental em subsidiar a construção de consciência ambiental pelo aluno, contribuindo para a formação de uma nova conduta nas relações sociais e com o meio ambiente. O homem tem cada vez mais a necessidade de repensar sua relação com a natureza, procurando cuidar do habitat em que vive em favor de sua existência.

Dessa forma, entende-se que a Educação Ambiental é um instrumento capaz de proporcionar reflexões, principalmente no que diz respeito à melhoria na qualidade do

ensino, possibilitando a formação de uma postura que contribua para a tomada de novas atitudes, em favor da efetivação de uma Educação Inclusiva pensada para todos.

Quando o aprendizado acontece por meio de padrões cognitivos não usuais, como é o caso de pessoas com deficiência visual, outros parâmetros de percepção devem ser considerados e adaptados. O simples fato de percorrer uma trilha ecológica pode ser uma oportunidade de o aluno perceber diferentes informações sensoriais, que ele não teria contato habitualmente nos estudos realizados em sala de aula.

Mas, para muitos estudantes com deficiência visual, o acesso aos materiais didáticos acessíveis ainda é restrito e limitado, devido a pouca disponibilidade de recursos adaptados e ao número reduzido de profissionais capacitados para a produção de recursos didáticos específicos. Tais carências, presentes na realidade de uma parcela significativa das escolas de educação básica do país, podem ser consideradas como um dos fatores que geram a exclusão e dificultam a participação desses alunos no ambiente escolar, pois não tem suas necessidades básicas atendidas.

Um das práticas mais desenvolvidas em Educação Ambiental é a realização de atividades em trilhas interpretativas. Utilizar trilhas ecológicas como recurso para a Educação Ambiental não é novidade. A experiência de tocar, ver e presenciar elementos naturais no habitat é a tentativa de colocar o aluno frente ao objeto estudado e possibilitar a interpretação e entendimento de forma mais completa, principalmente quando se pensa no ensino de alunos com deficiência visual.

Proporcionar o acesso à informação aos alunos com deficiência visual no contexto escolar foi o desafio assumido nesta pesquisa, não somente com o intuito de promover a inclusão dos alunos envolvidos na pesquisa, mas para que propostas como esta sejam realizadas e pensadas em outros contextos.

Dessa forma, elaborou-se um projeto de pesquisa com o objetivo de desenvolver uma proposta de Educação Ambiental inclusiva nas aulas de geografia, em uma turma onde estudavam dois alunos com deficiência visual. Para exemplificar as experiências vivenciadas durante o processo de investigação, optou-se em relatar aqui alguns momentos ocorridos em sala de aula e também na atividade de campo.

1 – EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ENSINO DE GEOGRAFIA

A Educação Ambiental, dentro das diretrizes da educação formal é tratada como tema transversal, que deve fazer parte das disciplinas do currículo escolar e estar presente no cotidiano dos alunos. Como destaca Czapski (1997), os temas transversais permeiam todas as áreas do conhecimento, com o objetivo de educar os alunos para a cidadania.

Com a adoção dos temas transversais, como a Educação Ambiental, pretende-se que os alunos sejam capazes de correlacionar diferentes situações da vida real e adotar posturas mais críticas. Nesse contexto, educar ambientalmente é estimular a reflexão, principalmente no que diz respeito à melhoria na qualidade de vida, possibilitando a formação de uma postura mais crítica por parte dos alunos, que possa contribuir para a tomada de novas atitudes frente aos desafios sociais e ambientais enfrentados na atualidade.

Quando se pensa nas relações dos seres humanos em sociedade, percebe-se o quanto os estudos sobre o meio ambiente estão inseridos no contexto da ciência geográfica, com presença significativa nas teorias e em suas aplicações. Como lembram Silva e Meneguette (2001), a construção da consciência ambiental está extrinsecamente ligada à compreensão e à percepção afetiva do espaço geográfico vivenciada pelo indivíduo no cotidiano, trazendo consigo um histórico que o torna capaz de assumir uma postura consciente nas relações sociais e com a natureza.

Da mesma forma, Oliveira e Assis (2009) lembram que a aula de campo pode ser considerada como um instrumento de acesso ao espaço e suas espacialidades, cujo movimento carrega os estudantes a compreenderem o mundo pela Geografia. Neste aspecto, cabe ao professor o importante papel de informar aos alunos sobre os fenômenos espaciais que são vivenciados no cotidiano, buscando no processo de ensino e aprendizagem metodologias que utilizem conteúdos e práticas que sejam capazes de realizar tal contextualização.

Sobre a possibilidade de o professor trabalhar a Geografia vivida pelo aluno, Thiesen (2011) lembra que a função essencial do conhecimento geográfico é de possibilitar que os alunos sejam capazes de se situar em um mundo em constantes mudanças, interpretando-o, compreendendo-o e, com ele, interagindo. Como objetivo da educação geográfica, é preciso oportunizar que os alunos atuem no espaço das experiências com um olhar mais crítico, que perceba os conflitos da realidade,

priorizando a formação ética, cidadã e emancipadora dos sujeitos. Neste viés, Callai (2003) argumenta que se a preocupação do professor de Geografia é formar cidadãos, é ponto básico de partida a oferta de oportunidade, condições e os instrumentos para que o aluno conheça e apreenda sobre a realidade em que vive.

Diante da problemática social e ambiental vivenciados atualmente, a Educação Ambiental assume um papel de relevância no ensino de Geografia. Pois é através do conhecimento da realidade ambiental que surgem as discussões, as mobilizações em defesa do meio natural e social, fazendo com que os alunos possam assumir a postura de preocupação e cuidado com o meio onde vivem (QUADROS, 2007).

Dessa forma, educar ambientalmente precisa ser a procura continua em proporcionar uma melhor compreensão sobre o lugar habitado por todos, pois, torna-se muito mais fácil e prazeroso cuidar daquilo que se conhece.

2 - O ENSINO DE GEOGRAFIA NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO ESCOLAR

Ao se pensar em um processo de ensino e aprendizagem que pretende ser significativo, que contemple e valorize as experiências dos alunos é difícil não refletir sobre a diversidade que compõe o contexto escolar. Conhecer e lidar com essa diversidade é um desafio que os educadores devem assumir, em especial o professor de Geografia, que possui como base de seu repertório o estudo da pluralidade que constitui e confere forma à sociedade.

Valorizar a diversidade presente do contexto escolar, ainda tão voltado à homogeneidade, é um passo significativo rumo a uma proposta de ensino pensada para atender a todos, levando em consideração as necessidades e as potencialidades individuais. O ensino de Geografia também precisa ser pensado nessa perspectiva, em que o professor deve procurar resgatar para os conteúdos toda a diversidade existente no cotidiano da vida escolar.

Sobre o convívio com a diversidade no ambiente escolar, Beyer (2006) argumenta que educar é confrontar-se com a diversidade. O professor que transita diariamente entre os alunos, que conhece muito bem tal diversidade dificilmente aceitaria qualquer premissa de homogeneidade dos educandos, pois sabe que são diferentes entre si, assim como não há uma pessoa igual à outra. Nessa perspectiva, a

Geografia deve ser pensada como uma disciplina que busca trazer para a sala de aula as expectativas e as experiências dos alunos, que procura reconhecer a diversidade do mundo e a realidade que os cerca.

Como destaca Cavalcanti (2010), é necessário desenvolver um modo de pensar geográfico, em que os alunos, ao lidarem com os signos e as representações que fazem parte dessa ciência, formem conceitos que instrumentalizem esse pensamento. Estes conceitos devem permitir aos alunos se localizarem e darem significados aos lugares e às experiências sociais e culturais, na diversidade em que elas se realizam.

Reconhecer e se dispor a superar as barreiras encontradas no contexto escolar deve ser um desafio de todo o educador que pretende realizar um trabalho na perspectiva inclusiva. Para tanto, Masini (1997) lembra que é preciso ser um educador eficiente, o que requer vontade de aprender sempre, de pensar, de enfrentar problemas e situações com conhecimentos e critérios. Além disso, é necessário considerar as especificidades de cada situação, no que diz respeito às características do educando, da família e do contexto social.

Dentro das propostas de um ensino de Geografia inclusivo, a Educação Ambiental mostra-se com uma possibilidade capaz de proporcionar à pessoa com deficiência o reconhecimento do valor de sua participação no meio social e natural. Nesse contexto, Quadros (2007) lembra que a Educação Ambiental faz com que os indivíduos sintam-se parte integrante da natureza, necessitando viver em equilíbrio com o meio natural, e ao mesmo tempo, ser social atuante, sujeito da própria história, estimulando a construção e a prática de uma cidadania solidária.

A busca pelo equilíbrio e pela igualdade faz com que ações voltadas para a Educação Ambiental sejam também práticas de caráter inclusivo, com iniciativas que buscam sempre o desenvolvimento e aquisição de novos valores. Como destaca Quadros (2007), a Educação Ambiental, é antes de tudo, a possibilidade de ampliar os horizontes da consciência ingênua e compartimentalizada para uma realidade que está exposta à nossa volta. Ser consciente dessa realidade torna os indivíduos responsáveis pelos próprios atos, o que permite o reconhecimento do papel de cada um enquanto cidadãos comprometidos, buscando garantir uma melhor qualidade de vida a todos.

Com práticas voltadas à perspectiva inclusiva, a Educação Ambiental apresenta-se como uma possibilidade capaz de quebrar paradigmas, minimizar os preconceitos que

excluem seres humanos, distintos em sua essência, despertando para uma nova compreensão sobre as relações sociais e sobre o meio natural.

3 - METODOLOGIA PARA TRABALHAR A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Para o desenvolvimento do projeto foi necessário a escolha e a utilização de uma metodologia de ensino que se enquadrasse na proposta e nos objetivos deste trabalho. Dessa maneira, o desenvolvimento e aplicação das atividades de ensino, seguiram a proposta metodológica utilizada no estudo de Stumpf, (2005), que se baseia em uma sequência de atividades coletivas. Dentre as atividades abordadas elencaram-se algumas práticas de sensibilização que foram realizadas durante o desenvolvimento das atividades em sala de aula e no campo.

De acordo com o método de referência, as atividades da pesquisa foram organizadas e se iniciaram a partir de um diagnóstico sócio ambiental, que consistiu em um processo de análise das inter-relações entre as pessoas e o meio em que vivem, verificando os efeitos das atividades humanas sobre a sociedade. A atividade de interpretação ambiental iniciou-se em sala de aula e levou em conta os conhecimentos que os alunos já tinham sobre a área de estudo, possibilitando a ampliação do conhecimento e criando instrumentos úteis para a mudança de atitudes frente às situações vivenciadas no cotidiano.

A segunda etapa de trabalho teve como objetivo a utilização de práticas participativas, que consistem em técnicas que estimulam a participação de todos os componentes do grupo, proporcionando a criação de um espaço para a formulação e expressão de ideias. Dessa forma, as atividades de dinâmica em grupo realizadas durante as aulas expositivas em sala de aula possibilitaram o aprofundamento dos conteúdos, a integração entre os estudantes, estimulando a cooperação e o respeito ao papel desempenhado por de cada um.

Na etapa seguinte, passou-se para a fase da interpretação ambiental, período em que os alunos foram estimulados a olhar com atenção e de forma crítica o meio onde estavam inseridos, redescobrimo-o e identificando os aspectos positivos e negativos. Nesse momento, o professor partiu de questionamentos e provocações, com o objetivo

de gerar curiosidade e estimular a participação dos alunos no processo ativo de construção do próprio conhecimento. Lembrando que essa etapa ainda foi realizada em sala de aula, é o que se chama de pré-campo, momento em que o professor e alunos utilizaram para conhecer alguns detalhes sobre o ambiente a ser explorado, e também para organizar a atividade.

Seguindo a proposta metodológica, passou-se para etapa da interpretação ambiental guiada ou visitação a locais que apresentem problemas ambientais ou áreas preservadas. A visitação a essas áreas possibilita a verificação *in loco* do que foi trabalhado e discutido nas outras etapas, oferecendo a oportunidade de observar os problemas e as possíveis soluções, trazendo motivação para mudança. O trabalho de campo na trilha interpretativa foi um momento de aplicação dos conhecimentos vistos anteriormente pelos alunos em sala de aula, como a possibilidade de desenvolver habilidades essenciais às aulas de Geografia como, a observação, análise e descrição espaço a partir do local onde os fenômenos acontecem.

Para finalizar, a metodologia aplicada traz a avaliação como um instrumento que deve acompanhar o processo de Educação Ambiental. Por meio da opinião de cada participante é possível analisar o método de aplicado, verificar as facilidades e as dificuldades dos participantes, além da possibilidade da obtenção de repostas concretas sobre o trabalho realizado. O processo de avaliação durante a aplicação das atividades da pesquisa foi gradual, ocorrendo durante todas as etapas desenvolvidas e foi finalizada com a realização de uma atividade escrita sobre os conhecimentos adquiridos e um momento de socialização das experiências vivenciadas pelos alunos.

4 - O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Esta pesquisa teve início no primeiro semestre do ano de 2009, quando se teve o interesse em realizar uma pesquisa que pudesse levar à escola básica regular uma proposta para se ensinar Geografia na perspectiva inclusiva, por intermédio da Educação Ambiental.

A partir da parceria entre pesquisadores do LabTATE¹, obteve-se acesso aos dados de quantos alunos com deficiência visual estavam matriculados na educação básica no município de Florianópolis e em quais escolas. Dessa forma, pode-se escolher a instituição de ensino com o perfil que melhor se enquadrava na proposta de trabalho e a classe em que seriam desenvolvidas as atividades.

A escola escolhida para a realização da pesquisa foi o Instituto Estadual de Educação, situada na região central de Florianópolis, é a maior escola de educação pública do estado de Santa Catarina. Dentro de um universo de 30 estudantes, com faixa etária de 15 anos, a turma eleita contava com presença de dois alunos com deficiência visual², que cursavam o primeiro ano Ensino Médio.

Como a proposta do trabalho tinha como premissa desenvolver e aplicar atividades que promovessem a inclusão de alunos com deficiência visual em uma escola de ensino regular, as aulas seriam para toda a turma, pois realizando um trabalho individualmente apenas com os dois alunos cegos, não atingiríamos o objetivo de realizar uma proposta de trabalho de forma inclusiva.

Para trabalhar a Educação Ambiental com a turma, decidiu-se que os assuntos abordados deveriam estar de acordo com os conteúdos estudados pelos alunos, que na ocasião se tratava dos aspectos gerais do processo da Globalização. Desta forma, optou-se em trabalhar a temática ambiental partindo da ideia de pensar no global para agir no local. Com base nos assuntos gerados a partir do tema Globalização, definiu-se que a proposta de Educação Ambiental a ser realizada seria abordada sob a ótica da globalização, evidenciando os reflexos positivos e negativos presentes no cotidiano da cidade de Florianópolis.

Dentro da proposta de trabalho, que se baseou em aulas ministradas pelas pesquisadoras, as atividades realizadas foram divididas em dois momentos: o de sensibilização dos alunos durante as aulas, com a utilização de materiais didáticos que

¹ LabTATE – O Laboratório de Cartografia Tátil e Escolar é um laboratório voltado ao desenvolvimento de pesquisa e extensão, na área da Cartografia Tátil e Escolar vinculando ao curso de Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina.

² Com intuito de identificar os alunos envolvidos na pesquisa, em especial dois os alunos com deficiência visual, que serão citados com maior frequência durante o decorrer do artigo, foram utilizados nomes fictícios. Os alunos com deficiência visual serão identificados como “Maria” e “Carlos”, os demais alunos também terão seus nomes alterados, mas serão identificados a medida que forem citados.

proporcionassem uma melhor compreensão sobre conceitos que seriam trabalhados dentro da temática ambiental, de acordo com o conteúdo programático que estava sendo estudado na disciplina de Geografia. E posteriormente, a realização de um trabalho de campo, em trilha ecológica acessível, com o objetivo de proporcionar aos alunos vivenciarem os conceitos discutidos em sala e observarem como eles ocorrem na realidade.

A trilha escolhida para a realização do trabalho de campo também foi pensada para atender à necessidade de todos. A trilha ecológica do rio do Brás está situada em ambiente úmido na porção norte da Ilha de Santa Catarina, distante aproximadamente 35 km do centro de Florianópolis, situada no Sapiens Parque. A escolha do local para realização da pesquisa de campo ocorreu devido à acessibilidade do local, que está preparado para receber visitantes com necessidades especiais de acesso.

Os recursos didáticos utilizados nas práticas em sala de aula e no campo foram produzidos em parceria com a equipe de pesquisadores do LabTATE, que disponibilizou auxílio técnico e científico para a produção dos materiais. A seguir, três exemplares, dois táteis e outro em tinta, dos mapas que foram utilizados em sala na atividade de campo.



Fig. 1 – Mapa Tátil da Ilha de Santa Catarina
Fonte: as autoras



Fig. 2 - Mapa Tátil da trilha ecológica do Rio do Brás
Fonte: as autoras

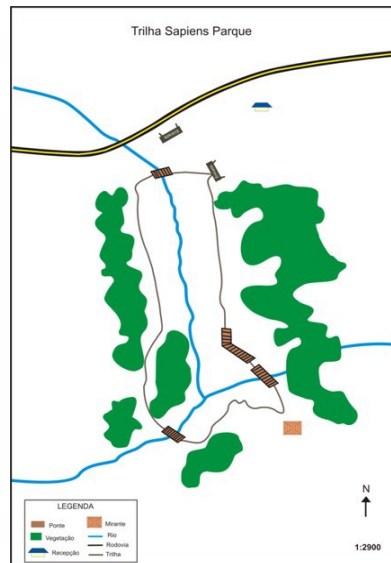


Fig. 3 – Mapa em tinta da trilha ecológica do rio do Brás

Fonte: as autoras

4.1 - DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

Após o término da preparação das atividades e confecção dos recursos, iniciou-se a etapa de aplicação da proposta com o início das atividades em sala de aula e, posteriormente, a realização do trabalho de campo. As atividades com a turma tiveram início no dia 15 de outubro de 2009 e foram finalizadas um mês depois, no dia 14 de novembro, com a aula em campo.

Os trabalhos em sala aconteceram em quatro aulas. No primeiro encontro, realizou-se a apresentação da proposta de trabalho aos alunos e a entrega do material de apoio para as aulas. O assunto discutido na primeira aula tratou das principais características da cidade de Florianópolis, com base nos aspectos históricos, econômicos, políticos, que caracterizam a cidade atualmente.

Na aula seguinte, foi realizada uma atividade integradora que consistiu em apresentar aos alunos fotografias de Florianópolis que exemplificavam os impactos sociais e ambientais presentes na cidade. A partir dessas fotografias os alunos puderam socializar as informações que estavam contidas nas imagens e discutir a respeito das causas e os impactos causados pelo crescimento desordenado em Florianópolis. Esse foi

um momento de efetiva participação dos alunos no debate, em que puderam expor as experiências vivenciadas e os fenômenos observados cotidiano de cada um.

A terceira aula teve como proposta a realização de um estudo de caso voltado à temática ambiental, a partir da análise do empreendimento Sapiens Parque, local em que se situa a trilha ecológica do rio do Brás, onde foi realizado o trabalho de campo. O estudo de caso foi mais um momento em que os alunos puderam, dentro do debate proposto, expor suas opiniões sobre a inserção de pólos tecnológicos em Florianópolis, analisando as possíveis consequências que tais empreendimentos podem causar à sociedade e ao meio ambiente da cidade.

Na quarta aula foi realizado o primeiro momento de avaliação, que teve como objetivo observar os resultados das atividades e saber a opinião dos alunos sobre o trabalho, as práticas desenvolvidas em sala de aula e as expectativas sobre o trabalho de campo que seria realizado.

A atividade de campo, realizada na trilha ecológica do Rio do Brás, foi o momento em que os alunos tiveram a oportunidade de contemplar os conteúdos estudados anteriormente em sala de aula, e buscar no campo outras informações para o processo de construção do próprio conhecimento. A atividade teve início com uma breve orientação sobre os procedimentos necessários em um ambiente de preservação e com a entrega dos mapas impressos em tinta e táteis, para que antes da atividade os alunos pudessem conhecer o ambiente que seria explorado. No decorrer do percurso, foram realizadas algumas paradas para explicação e contemplação da paisagem. Do alto de um mirante foi possível ter uma visão aérea do parque, o que proporcionou aos visitantes diversas sensações, que foram relatadas. Segundo “Maria”: *“aqui em cima o clima é mais fresco, dá pra sentir mais o vento no rosto, eu também consigo perceber a diferença na claridade”*. Ao final da atividade ocorreu um segundo momento de avaliação, em que o grupo de alunos pode expor as opiniões sobre as práticas realizadas e as experiências vivenciadas durante o campo.

A seguir, nas figuras 4, 5, 6 e 7, estão os registros das atividades realizadas em sala de aula e no trabalho de campo



Fig. 4 – atividade em grupo
Fonte: as autoras



Fig. 5 – “Carlos” e “Maria” utilizando os materiais didáticos táteis
Fonte: as autoras



Fig. 6 – atividade de campo
Fonte: as autoras



Fig. 7 – atividade de campo: “Maria” tocando a vegetação
Fonte: as autoras

5 - RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os momentos de avaliação e reflexão sobre o desenvolvimento das atividades realizadas com o grupo de alunos e com a professora, participantes da pesquisa, trouxeram algumas das respostas que se buscou durante a realização deste trabalho. A respeito da proposta de trabalho e o desenvolvimento das atividades, a professora colocou:

Com relação ao trabalho desenvolvido com a turma eu achei extremamente interessante, pois trabalhar a interação e a inclusão de alunos cegos com o restante da turma não é uma tarefa simples, requer muita vontade e dedicação, tendo em vista as dificuldades da educação pública, como a falta de capacitação dos professores e a disponibilização de materiais didáticos adequados (professora).

Na opinião colocada pela professora da turma se refletem as dificuldades, ainda existentes, quando se fala do processo de Inclusão na Educação Básica do país. Tais dificuldades podem ser entendidas pela união de diversos fatores, como a falta de recursos materiais e técnicos, a falta de capacitação dos profissionais da educação e o pouco suporte oferecido pelo Estado, que ainda não garante o cumprimento e a efetivação da legislação vigente. Problemas que acabam afastando muito alunos com algum tipo de deficiência da sala de aula de ensino regular, pois ainda não encontram nesses espaços as condições necessárias de acesso e de permanência.

Da mesma forma, a disponibilidade e o contato com recursos e propostas de trabalhos diferenciados, que estejam disponíveis à todos, estimulam uma maior participação dos alunos durante as aulas. De acordo a opinião dos educandos, o uso de recursos didáticos diversos e a realização de atividades práticas, que estimulam a participação e o raciocínio, são alternativas que enriquecem o processo de ensino e aprendizagem, além de tornar as aulas mais interessantes. Sobre a proposta de trabalho realizada, os alunos comentaram:

Em minha opinião, as atividades complementares são uma forma de você mostrar que a Geografia, não é uma coisa que você só vê nos livros e pronto. Mas, que você todos os dias está se relacionando com a Geografia, tornando as aulas mais proveitosas (Amanda).

Adorei as atividades com os recursos trazidos, mapas e maquete. Este tipo de atividade torna a aula mais dinâmica, não faz com que fiquemos presos aos livros escolares e facilita a compreensão dos alunos (Carlos).

A escolha do tema a ser trabalhado com os alunos também mereceu cuidado e atenção por parte dos pesquisadores, pois o objetivo era trabalhar a Educação Ambiental com os alunos, mas sem fugir do conteúdo que estava sendo trabalhado pela professora. Dessa forma, após conhecer a temática que estava sendo estudada pela turma, foi possível definir o foco de trabalho, que foram as questões ambientais a partir da ótica da globalização, discutindo os reflexos positivos e negativos para a cidade de Florianópolis. Sobre o tema de trabalho os alunos disseram:

O tema Florianópolis, foi muito interessante, pois aprendemos mais sobre a nossa cidade, sobre o que devemos e não devemos fazer. Foi muito legal e importante. (Beatriz)

Importante para estarmos atualizados sobre o tema que convivemos diariamente, pois assim saberemos lidar melhor. (Paulo)

Achei muito importante trabalhar sobre os assuntos da cidade, pois quando a gente estiver em um congestionamento, ou até mesmo quando olharmos para o morro lembraremos tudo o que a professora explicou. (Laura)

Trabalhar com os alunos sobre temas relacionados com o ambiente que eles conhecem e vivem, torna o processo de ensino e aprendizagem mais fácil e de certa forma mais completo, pois possibilita uma maior troca de conhecimento e experiências entre alunos e professor, possibilitando aos estudantes compreenderem melhor os fenômenos vivenciados em seu cotidiano. Desta forma Callai (2008, p. 85) afirma:

Compreender o lugar que se vive, permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem. Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, é repleto de história e com pessoas historicamente situadas num tempo e num espaço, que pode ser o recorte de um espaço maior, mas por hipótese alguma é isolado, independente.

Com base em propostas que buscam trazer para a sala de aula as experiências e as expectativas dos alunos, o uso de recursos didáticos adequados e o desenvolvimento de atividades que despertem o interesse dos educandos devem ser objetivos de uma educação de qualidade pensada para todos. Nessa perspectiva, a atividade de campo foi um momento em que o grupo teve a oportunidade de observar os conteúdos trabalhados em sala no local onde eles ocorrem, além da possibilidade de vivenciarem uma experiência diferenciada no convívio entre os colegas e com a professora. Após a realização da atividade, os alunos relataram suas experiências e impressões sobre a aula:

Eu achei muito divertido, e acho que é uma atividade muito importante para disciplina de Geografia, pois pude vivenciar o que aprendi em sala de aula. Essa atividade foi uma experiência nova, pois nunca tinha feito um trabalho prático antes em nenhuma disciplina (Felipe).

Eu achei a atividade muito boa, pois me possibilitou aprender bastantes coisas novas, além de ter me divertido bastante com meus colegas de turma. (Maria).

Desde o início, a atividade prática na trilha ecológica foi pensada com o intuito de proporcionar à turma um momento interação e reflexão em grupo. Exercício que proporcionou à professora a chance de sair da rotina de sala de aula e despertar o interesse dos educandos pelo conteúdo, oportunizando a construção do conhecimento de forma participativa e contextualizada.

Como destacam Rodrigues e Otaviano (2001), é na prática do trabalho de campo que a visão de mundo do aluno é incorporado ao processo de ensino e aprendizagem, que está associado a uma leitura crítica da realidade e ao estabelecimento da relação de unidade entre teoria e prática.

Nesse sentido, compreende-se que para o processo de ensino e aprendizagem, o trabalho de campo mostra-se um importante método de ensino, pois proporciona aos alunos observarem na prática os assuntos e ambientes em estudo, inserindo-os no contexto de trabalho. Dessa forma, atinge-se o objetivo levar os estudantes a observar os fenômenos que estão próximos do seu dia-a-dia, mas que ficam distantes da sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, procurou-se discutir o processo de inclusão de alunos com deficiência visual na educação básica, a partir do desenvolvimento de práticas voltadas à Educação Ambiental nas aulas de Geografia. Neste processo, pode-se perceber a emergência de compreender e incorporar novas propostas ao ensino de Geografia, como forma de enriquecer e diversificar o repertório dessa disciplina, como ocorre com os conhecimentos advindos das propostas voltadas à Educação Ambiental.

Das experiências vivenciadas, chamou atenção a motivação dos alunos e da professora no desenvolvimento da proposta de trabalho, o que foi fundamental para o andamento das atividades e para os resultados obtidos. A aceitação do trabalho foi avaliada através das impressões e opiniões dos alunos e da professora sobre todo o processo, e que também refletiram as carências presentes no contexto escolar e de sala de aula.

Desenvolver uma proposta de trabalho que possui um caráter pontual, ou seja, que não tem seu desenvolvimento de forma continuada, ao longo de um ano, por

exemplo, tem o mérito de levar o conhecimento e a abertura de novas possibilidades para professores e instituições de ensino, que muitas vezes desconhecem a existência de metodologias que permitam o acesso à informação, ao conhecimento e à novos recursos didático-pedagógicos. Dessa forma, salienta-se a importância da realização de projetos que reforcem o vínculo universidade-escola, em que iniciativas como esta passem a se constituírem como parte do cotidiano das escolas e da rotina dos estudantes.

Ainda que, talvez não pertinente aqui, se expressa o sentimento de autorrealização em atuar neste campo do conhecimento e ter oportunidade de desenvolver pesquisas, que como esta, trazem resultados que podem contribuir para um ensino mais inclusivo, minimizando barreiras que dificultam ou impedem o acesso ao conhecimento geográfico e ambiental.

REFERÊNCIAS

BEYER, H. O. **Inclusão e Avaliação na escola**: de alunos com necessidades educacionais especiais. Porto Alegre: Mediação, 2005.

CALLAI, H. C. O Ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: org. CASTROGIOVANNI... [et al.]. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4ª ed. Porto Alegre: UFRGS/Associação de Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 2003.

_____. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: Antonio Carlos CASTROGIOVANNI, C. A (org.). **Ensino de geografia**: práticas e textualizações do cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 6 ed. 2008.

CAVALCANTI, L. Ensino de geografia e diversidade construção de conceitos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos de ensino. In: CASTELLAR, S. (org.) **Educação geográfica**: teorias e práticas docentes. 2 ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto. 2010. (Novas Abordagens, GEOUSP; v.5).

CZAPSKI, S. **Implantação da educação ambiental no Brasil**, Ed. MEC/UNESCO, 1997 - seção Fichário, cap. PCN. Disponível em: <<http://www.aipa.org.br/ea-leis-educacao-ambiental.htm#pcn>>. Acesso em: 23 abr. 2010.

MASINI, E. A. F. S. Intervenção educacional junto à pessoa deficiente visual. In: BECKER, E. *et. al.* **Deficiência: alternativas de intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

OLIVEIRA C. D. M. de; ASSIS, R. J. S. de. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n.1, p.195-209, jan./abr. 2009.

QUADROS, A. **Educação ambiental: iniciativas populares e cidadania.** 2007. 45 f. (Pós-graduação em Educação Ambiental) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2007.

RODRIGUES, A. B.; OTAVIANO, C. A. Guia metodológico de trabalho de campo em Geografia. **Geografia.** Londrina, v.10, n.1, p.35-43, jan./jun. 2001.

SILVA, J. A. da; MENEGUETTE, A. A Cartografia e o trabalho de campo: instrumentos de Educação Ambiental. **Formação [Presidente Prudente],** São Paulo, v. 2, n. 9, p. 367-390. 2002.

STUMF, B. O. **Educação ambiental: fundamentos e métodos.** 2005. Santa Cruz do Sul – RS. Disponível em: <<http://www.unisc.br/deptos/cpardo/artigos/art-beatriz.htm>>. Acesso em 07 jun. de 2009

THIESEN, J. da S. Geografia escolar: dos conceitos essenciais às formas de abordagem no ensino. **Geografia Ensino e Pesquisa.** V. 15, n. 1, jan./abr. 2011.